

Impactos da ascensão conservadora nas pesquisas sobre Educação Sexual no Ensino de Biologia: Uma meta-síntese de teses e dissertações brasileiras

Impacts of the conservative rise in research on Sexuality Education in Biology Teaching: A meta-synthesis of theses and dissertations

Gabriel Mendes de Almeida
Marcelo Borges Rocha
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro-Brasil

Resumo

A década de 2010 foi marcada por uma nova ascensão da direita conservadora brasileira. Esse cenário teve impactos na educação, como a censura à prática da Educação Sexual voltada para o respeito à diversidade e combate à intolerância. Questionou-se como esse contexto impactou na produção acadêmica sobre Educação Sexual, sobretudo no Ensino de Biologia, disciplina comumente associada à aplicação da Educação Sexual. Assim, a pesquisa objetivou analisar as teses e dissertações defendidas entre 2013 e 2023 que versaram sobre temas relacionados à gênero e sexualidade no Ensino de Biologia. Analisou-se quarenta trabalhos desenvolvidos em universidades públicas a maioria nas regiões sul e sudeste, versando por temas socioculturais e analisando as didáticas e a formação de professores. Nota-se que a maior parte da produção objetivou desconstruir os padrões conservadores de gênero e sexualidade, sendo esse o principal resultado da pesquisa, evidenciando uma contraofensiva acadêmica de docentes e pesquisadoras/es do tema.

Palavras-chave: Educação Sexual; Ensino de Biologia; Conservadorismo.

Abstract

The 2010s were marked by a new rise of the Brazilian conservative right. This scenario had impacts on education, such as censorship of the practice of Sexuality Education aimed at respecting diversity and combating intolerance. It was questioned how this context impacted academic production on Sexual Education, especially in Biology Teaching, a discipline commonly associated with the application of Sexuality Education. Thus, the research aimed to analyze the theses and dissertations defended between 2013 and 2023 that dealt with topics related to gender and sexuality in Biology Teaching. Forty works developed in public universities, most in the south and southeast regions, were analyzed, covering sociocultural themes and analyzing didactics and teacher training. It is noted that most of the production aimed to deconstruct conservative standards of gender and sexuality this being the main result of the research, evidencing an academic counteroffensive by and researchers on the subject.

Keywords: Sex Education; Teaching Biology; Conservatism.

Introdução

Em meados da década de 2000, fruto de uma parceria entre o Ministério da Saúde e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, foi elaborado o Programa Brasil Sem Homofobia, um programa de combate à violência e à discriminação contra pessoas gays, lésbicas, bissexuais e travestis e de promoção da cidadania homossexual (Brasil, 2004). Dentre as diretrizes do programa observa-se um item exclusivo – item V - sobre o direito à educação livre de preconceito em relação à orientação sexual. Posteriormente, o Ministério da Educação (MEC), em parceria com Organizações Não Governamentais, organizou o Programa Escola Sem Homofobia, cujo principal objetivo era oferecer um conjunto de materiais de apoio para professoras e professores abordarem nas escolas o tema da diversidade sexual e de gênero com vista ao combate à homofobia.

A iniciativa tornou-se motivo de polêmica e discussão na Assembleia Nacional. Movimentos sociais e intelectuais tentaram dialogar com os representantes legislativos e a reação foi a difamação e as várias formas de violência contra seus defensores. Vários deputados e senadores conservadores diziam que as peças produzidas no contexto do programa Escola Sem Homofobia seriam propaganda LGBT (César; Duarte, 2017).

Paralelamente, surgia no Brasil o Movimento Escola Sem Partido (MESP). Fundado em 2004 por Miguel Francisco Urbano Nagib, um advogado procurador do Estado de São Paulo. O movimento propagava que haveria uma “doutrinação marxista” e uma “contaminação político-ideológica” nas escolas brasileiras, disseminando a ideia de que docentes não têm o direito de doutrinar.

O movimento permaneceu na obscuridade até meados da década de 2010, até que passou a incluir em sua pauta as questões de gênero relacionadas à educação. Nesse momento o MESP passou a ser uma voz frequente nos debates sobre educação no Brasil e foi abraçado por todos os grupos da direita brasileira (Miguel, 2017).

O crescimento da importância do MESP no debate público ocorre quando seu projeto conflui para o de outra vertente da agenda conservadora: o combate à chamada “ideologia de gênero”. Antes, a ideia de uma “Escola Sem Partido” focava sobretudo no temor da “doutrinação marxista”, algo que estava presente desde o período da ditadura militar. O receio da discussão sobre os papéis de gênero cresceu com iniciativas para o combate à homofobia e ao sexismo nas escolas e foi encampado como bandeira prioritária pelos grupos religiosos conservadores. Ao fundi-lo à sua pauta original, o MESP transferiu a discussão para um terreno aparentemente “moral” (em contraposição a “político”) e passou a enquadrá-la nos termos de uma

disputa entre escolarização e autoridade da família sobre as crianças (Miguel, 2017 p. 565-566).

Sobre a falácia da “ideologia de gênero” Monteiro e Siqueira (2019) destacam que o uso deste termo pelo Escola Sem Partido visa significar que a discussão do tema na escola é feita com o intuito de realizar uma dominação ou alienação dos estudantes, que por sua vez, seriam vulneráveis a uma ação docente que ocorre em um ambiente de desequilíbrio de poder e que a sua discussão distorce os conceitos de homem e mulher, o que levaria ao término da “família tradicional”.

Em 2019, a deputada federal Bia Kicis do Partido Liberal (PL), elaborou um projeto de lei que institua o Escola Sem Partido. Destaca-se o Art. 2º do projeto onde se lê “O Poder Público não se imiscuirá no processo de amadurecimento sexual dos alunos nem permitirá qualquer forma de dogmatismo ou proselitismo na abordagem das questões de gênero” (Brasil, 2019, p. 1).

O projeto não foi aprovado, mas suas ideias deixaram cicatrizes no que tange a opinião pública, deu voz a políticos alinhados com suas ideias e acabou por refletir em documentos institucionais que regem a educação no Brasil – como a mais recente versão da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (Brasil, 2016) onde as questões de gênero e sexualidade praticamente inexistem.

Como a história evidencia, essa não é a primeira vez que esse tema sofre censura. No período da ditadura militar toda tentativa de implementar uma Educação Sexual em escolas brasileiras foram reprimidas (César, 2009) e por isso ao longo da década de 1970 até o início dos anos 1980, não há registros de tentativas de implementação de atividades pedagógicas envolvendo qualquer questão sobre sexo ou gênero na educação. O debate sobre o tema ficou restrito a discussões no campo intelectual e nas pautas de determinados movimentos de luta e resistência contra a repressão da ditadura.

Uma vez que no passado o campo intelectual não se absteve de debater e produzir conhecimento a respeito de temas que vinham sendo censurados nas esferas educacionais, a presente pesquisa questionou como a produção acadêmica estaria reagindo no presente a essa mesma censura e que impactos essa onda conservadora teve na produção intelectual sobre Educação Sexual no ensino.

O foco no Ensino de Biologia se deu por dois motivos. Primeiro, a cultura escolar uma vez que a Biologia é vista como a disciplina onde se trabalha questões relacionadas a sexualidade e segundo, porque esta disciplina é recorrentemente invocada pelos grupos conservadores a fim de justificar sua intolerância e preconceito mediante interpretações superficiais, retrógradas e distorcidas de seus fundamentos.

Para busca de uma possível resposta ao questionamento levantado esta pesquisa realizou uma Revisão Sistemática com meta-síntese de teses e dissertações defendidas entre 2013 e 2023 no campo do Ensino de Biologia cujas temáticas envolveram questões referentes a Educação Sexual. Entende-se aqui como Educação Sexual no Ensino de Biologia, as práticas docentes sobre gênero e sexualidade que perpassam o Ensino de Biologia.

Diante deste cenário, o presente estudo teve o objetivo de identificar referências atuais no campo; a evolução das pesquisas de acordo com o recorte temporal investigado; o tipo de trabalho – dissertação ou tese – mais foi produzido nesse período; regiões e estados que mais produziram conhecimento sobre o assunto, as instituições e programas de pós-graduação que têm se dedicado a pesquisas sobre essa temática, os temas que abrangem as discussões sobre gênero e sexualidade mais recorrentes, os objetos de pesquisa em Ensino de Biologia analisados em cada pesquisa e os componentes curriculares da Biologia na Educação Básica incorporados nos estudos.

Metodologia

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva e exploratória (Gil, 2002) na modalidade de Revisão Sistemática com meta-síntese (Siddaway, Wood e Hedges, 2019). De acordo com os autores supracitados uma Revisão Sistemática com meta-síntese é apropriada quando uma revisão visa integrar a pesquisa qualitativa. O objetivo de uma meta-síntese é sintetizar estudos qualitativos sobre um tópico a fim de localizar temas, conceitos ou teorias-chave que forneçam novas ou mais poderosas explicações para o fenômeno sob análise.

Para levantamento das dissertações e teses foi feita uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A opção por trabalhar com dissertações e teses se deu uma vez que esses são documentos primários e relatórios completos dos estudos realizados.

A busca pelas teses e dissertações aconteceu no mês de julho de 2023 usando cinco combinações de buscadores: Sexualidade AND Ensino de Biologia; Gênero AND Ensino de Biologia; Educação Sexual AND Ensino de Biologia; Orientação Sexual AND Ensino de Biologia; Educação Para a Sexualidade AND Ensino de Biologia. Buscou-se trabalhos defendidos entre 2013 e 2023.

A escolha do recorte temporal 2013 - 2023 se deu mediante ao período de ascensão política da extrema-direita no Brasil até o momento de realização da busca. Para César e Duarte (2017) o ano de 2011 é considerado o marco o do que autores chamam de recente política do “Pânico Moral”. Sendo assim, trabalhos de mestrado ou doutorado iniciados no ano de 2011 foram defendidos no mínimo a partir do ano de 2013.

A seleção dos trabalhos aconteceu mediante duas etapas. No primeiro momento, os trabalhos foram selecionados pela leitura do título, levando em consideração a presença das palavras que foram combinadas no buscador. Foram excluídos trabalhos que não apresentavam no título nenhum dos buscadores ou então aqueles que o buscador aparecia com sentido diferente em relação ao tema de pesquisa que se procurava.

A segunda etapa da seleção se deu pela leitura cuidadosa dos resumos e palavras-chave dos trabalhos. Nessa, o objetivo foi identificar o foco da investigação da tese ou dissertação selecionada. As pesquisas que tiveram como foco investigar algum assunto relacionado a sexualidade e/ou a gênero dentro de algum componente do Ensino de Biologia foram incluídas como documentos a serem analisados.

Como técnica de análise, descrição e classificação das dissertações e teses foi utilizado o conceito de “descritores” de acordo com Megid Neto (1999). Os Descritores Gerais escolhidos foram: 1. Autora/o do trabalho; 2. Orientadora/o; 3. Ano da defesa; 4. Distribuição Geográfica (região e estado); 5. Instituição de Ensino Superior (IES) onde a tese ou dissertação foi desenvolvida; 6. Programa de Pós-Graduação (PPG) do qual a/o autora/o estava vinculada/o; 7. Natureza do trabalho (tese ou dissertação).

Já os descritores específicos foram: 1. Tema sobre gênero e/ou sexualidade investigado no trabalho; 2. Objeto de pesquisa; 3. Componente curricular da Biologia privilegiado no trabalho.

Resultados e Discussão

Iniciando pelo resultado das buscas, a primeira combinação de buscadores utilizada foi “Sexualidade AND Ensino de Biologia” apresentando 262 trabalhos e após a seleção feita pelas leituras dos títulos, resumos e palavras-chave, vinte e oito trabalhos foram selecionados para análise. A segunda combinação utilizou os termos “Gênero AND Ensino de Biologia”. Essa combinação apresentou um total de 322 trabalhos, dos quais vinte e quatro foram selecionados. Entre esses vinte e quatro, vinte já haviam sido selecionados na busca palavras anteriores, restando quatro trabalhos adicionados aos documentos para serem analisados.

Ao utilizar a combinação “Educação Sexual AND Ensino de Biologia” 181 trabalhos apareceram no buscador. Destes, vinte e sete foram selecionados, sendo vinte três repetidos, somando mais quatro documentos para análise e descrição. Resultado semelhante se deu com a combinação de buscadores “Educação Para a Sexualidade AND Ensino de Biologia”. Esta apresentou 181 resultados, dos quais trinta e um foram selecionados, sendo vinte e nove repetidos. Os dois trabalhos restantes foram adicionados.

A combinação “Orientação Sexual AND Ensino de Biologia” apresentou o menor total de resultados na busca, apenas vinte e nove. Desses vinte e nove, apenas seis foram selecionados sendo quatro repetidos, somando mais dois trabalhos. Ao término das buscas, ao todo quarenta trabalhos foram selecionados para análise dos descritores.

Para codificação, os trabalhos selecionados foram identificados por ordem de achado em Doc. 01, Doc. 02, Doc. 03 e assim por diante. Começando a análise dos Descritores Gerais, o quadro a seguir apresenta os títulos, autoras/es, orientadoras/es e o ano de defesa de cada trabalho analisado.

Quadro 1 – Trabalhos selecionados para análise em ordem de achado e seus respectivos títulos, autores/as, orientadores/as e ano de defesa

Doc.	Título	Autora/o	Orientadora/o	Ano
Doc. 01	Artivismo, Gênero e Sexualidade - Linn da Quebrada e o Ensino de Biologia	Natania Borges Costa	Elenita Pinheiro de Queiroz Silva	2019
Doc. 02	O Corpo e a Diversidade de Gênero no Ensino da Biologia no Contexto da Educação Pública	Caio César Souza Coelho	Miguel José Lopes	2022
Doc. 03	Problematizando o Livro Didático de Biologia: Corpo, Gênero e Sexualidade	Rayssa De Cássia Almeida Remídio	Daniela Alves de Alves	2020
Doc. 04	Abordagem da Sexualidade no Ensino de Biologia: Interfaces Entre Relações de Gênero e Literatura	Tayse De Souto Silva	Kalina Naro Guimarães	2019

Doc. 05	Educação Para a Sexualidade - Um Estudo Sobre as Práticas dos Professores de Biologia do Ensino Médio	Nívea Aparecida Alves De Moraes	João Paulo Cunha De Menezes	2020
Doc. 06	Ciência, Gênero, Sexualidade e Religião: Alianças, Tensões e Conflitos no Ensino de Biologia	Fátima Lucia Dezopa Parreira	Elenita Pinheiro de Queiroz Silva	2019
Doc. 07	A Educação Sexual na Concepção e Prática de Professores de Biologia do Ensino Médio	Kécia Priscilla Palombello Magalhães	Maria Aparecida Rodrigues	2016
Doc. 08	Sexualidade e Gênero Segundo Educadoras de Ciências e Biologia: Limites, Resistências e Possibilidades da Educação Sexual na Escola	Silmara Silveira Lourenço	Viviane Melo de Mendonça	2019
Doc. 09	Educação Sexual “Além Do Biológico”: Problemática Dos Discursos Acerca De Sexualidade E Gênero No Currículo De Licenciatura Em Biologia	Elaine de Jesus Souza	Dagmar E. Estermann Meyer	2018
Doc. 10	Gênero e Sexualidades: Abordagem Crítica Na Formação De Docentes De Ciências Biológicas	Adrielle Camile Figueiredo Gomes	Alisson Antonio Martins	2021
Doc. 11	Formação De Educadores Sexuais No Curso De Ciências Biológicas Da Uem: A Concepção Dos Graduandos Sobre A Atuação Do Professor De Ciências E Biologia Na Educação Sexual	Bruna Larissa Ramalho Diniz	Marcelo Maia Cirino	2015
Doc. 12	O Ensino De Biologia E Suas Articulações Com Práticas Médico-Moralizantes Direcionadas Ao Governo Do Corpo, Das Sexualidades E Dos Gêneros	André Morando	Nadia Geisa Silveira de Souza	2021
Doc. 13	Educação Sexual No Ensino De Biologia E Prevenção Da Gravidez Na Adolescência: Ouvindo Estudantes E Falando Para Professores E Professoras	Laura Telles Medeiros	Maria Gabriela Parenti Bicalho	2020
Doc. 14	Antirracismo E Dissidência Sexual E De Gênero Na Educação Em Biologia: Caminhos Para Uma Didática Decolonial E Interseccional	Yonier Alexander Orozco Marín	Suzani Cassiani	2022
Doc. 15	Educação Sexual Na Formação Docente Em Ciências Biológicas: Um Estudo De Caso	Giovanna Lopes Rey Peinado	Gildo Giroto Júnior	2020
Doc. 16	Entre Silêncios E Resistências: Sentidos Sobre Gênero E Sexualidade Nas Licenciaturas Em Ciências Biológicas	Larissa Zanella	Suzani Cassiani	2018
Doc. 17	Experiências De Pessoas Trans - Ensino De Biologia	Sandro Prado Santos	Elenita Pinheiro de Queiroz Silva	2018
Doc. 18	Intersexualidade E Corpos Intersexo Em Livros Didáticos De Biologia (PNLD 2012 - 2018)	Luciana Aparecida Siqueira Silva	Elenita Pinheiro de Queiroz Silva	2022
Doc. 19	Biologia No Ensino Médio: Diferentes Abordagens Metodológicas Para Adequar O Conhecimento Ao Cotidiano – Enfoque Sobre Gravidez Na Adolescência	Giséli Duarte Bastos	Everton Lüdke	2015
Doc. 20	Ser Ou Não Ser, Afinal O Que Se É? Um Estudo Sobre Biologia Essencialista E Heteronormatividade No Ensino De Ciências No Viés Da LGBTfobia Institucionalizada	Thiago Ferreira Abreu	Tatiana Souza de Camargo	2021
Doc. 21	Gênero E Sexualidade Sob A Perspectiva De Docentes De Biologia Da Rede Estadual Do Município De Aparecida De Goiânia	Jéssica Cristtinnny Oliveira De Sousa	Mauro Machado do Prado	2018
Doc. 22	Corpos, Gêneros E Sexualidades Nos Objetos Educacionais Digitais De Livros Didáticos De Biologia PNLD/2015	Mayara Cristina De Oliveira Pires	Elenita Pinheiro de Queiroz Silva	2017
Doc. 23	Concepções De Acadêmicos E Acadêmicas De Licenciatura Em Ciências Biológicas A Respeito Da	Bernardo Ozorio Iurk	Marcela Teixeira Godoy	2019

Impactos da ascensão conservadora nas pesquisas sobre Educação Sexual no Ensino de Biologia: Uma meta-síntese de teses e dissertações

	Temática De Diversidade De Gênero E Sexualidade: Uma Experiência A Partir De Uma UEPS			
Doc. 24	Metodologias E Práticas No Ensino De Biologia Sobre O Sistema Reprodutor Humano E Temas Correlatos: Uma Abordagem Através Do Ensino Remoto	Radamés Araujo Gonçalves	Temilce Simões de Assis Cantalice	2022
Doc. 25	Construção E Avaliação De Uma Sequência Didática: Ensino Sobre Ciclo Menstrual E O Uso Da Pílula Anticoncepcional	Jayme Rosignoli Júnior	Patrícia Elaine de Almeida	2020
Doc. 26	Concepções De Docentes De Biologia Da Grande Aracaju Sobre Corpo	Edenilse Batista Lima	Alice Alexandre Pagan	2013
Doc. 27	Informações Sobre O Papiloma Vírus Humano (HPV) Em Coleções De Livros Didáticos De Biologia Do Ensino Médio Indicados Pelo Programa Nacional Do Livro Didático De 2015	Luiz Roberto Costa	Maria Erivalda Farias de Aragão	2016
Doc. 28	Hormônios Esteroides E As Questões De Gênero: Uma Análise Discursiva De Aulas De Ciências E Biologia	Mayara Juliane Swiech	Bettina Heerd	2022
Doc. 29	Uma Situação de Ensino Para Uma Discussão Da Temática de Gênero na Licenciatura em Ciências Biológicas	Nathaly Desirrê Andreoli Chiari	Irinéa de Lourdes Batista	2016
Doc. 30	Ensino De Evolução Humana e as Questões De Gênero: Percepção das (Os) Acadêmicas (Os) de Ciências Biológicas	Andréa Do Carmo Bruel De Oliveira	Bettina Heerd	2019
Doc. 31	ECOFEMINISMO E O ENSINO DE BIOLOGIA: Sexismo E Especismo nas Falas De Estudantes Veganas	Valéria Santos Santana Oliveira	Alice Alexandre Pagan	2020
Doc. 32	Gênero na Formação Inicial de Docentes de Biologia: Uma Unidade Didática Como Possível Estratégia de Sensibilização e Incorporação da Temática no Currículo	Vinícius Colussi Bastos	Irinéa de Lourdes Batista	2013
Doc. 33	Educação Sexual Na Formação De Professores De Ciências E Biologia: Construindo Novos Entendimentos	Renata Coelho	Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda	2013
Doc. 34	Educação Sexual Como Exercício de Cidadania Para o Respeito à Diversidade de Gênero e Sexualidade: Sequência Didática Com Enfoque em Evolução	Leandro Francisco Burger	Daniela C. de Toni	2019
Doc. 35	Uma proposta de ensino do tema diversidade sexual para o Ensino Médio à luz da Síntese Evolutiva Estendida	Kátia Santos De Abreu Paranhos	Maria Luiza de Araújo Gastal	2017
Doc. 36	Saberes Docentes: Questões De Gênero e o Ensino De Seleção Sexual	Mariane Caroline Dos Anjos	Bettina Heerd	2019
Doc. 37	Sequência Didática Investigativa Sobre Métodos Contraceptivos Para Estudantes Do Primeiro Ano Do Ensino Médio	Poliane Braga Leitão Figueiredo	Maria Gabriela Parenti Bicalho	2022
Doc. 38	Produção de Cartilha Sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis De Forma Colaborativa Com Alunos do Ensino Médio	Lívia Dos Santos Andrade De Albuquerque	Fábio de Almeida Mendes	2019
Doc. 39	Análise sobre o ensino das infecções sexualmente transmissíveis em escolas públicas de Minas Gerais	Rodrigo Teodoro Silva	André Luiz da Silva Domingues	2019
Doc. 40	Uma Abordagem Didático-pedagógica na Prevenção das IST: Relato de experiência	Marysther Françoso Teixeira da Costa	Carlos Alberto Mourão Júnior	2020

Fonte: A pesquisa (julho/2023)

Observa-se para cada um dos quarenta trabalhos analisados, um/a autor/a, não havendo repetições. A não repetição sugere que entre os autores e autoras das dissertações, alguns/as podem ter não prosseguido com os estudos no doutorado, ou mudado o tema de pesquisa ou ainda podem estar com a tese em andamento, uma vez que o quantitativo por ano sugere uma produção mais recente.

Com relação às orientadoras e orientadores, chama atenção o maior número de pesquisadoras mulheres orientando trabalhos sobre o tema. Ao todo, dos quarenta trabalhos analisados, trinta foram desenvolvidos sob orientação de uma professora/pesquisadora mulher. Destacando as orientadoras que aparecem em mais de um trabalho temos Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, com cinco trabalhos; Bettina Heerd em três trabalhos e Alice Alexandre Pagan, Maria Gabriela Parenti Bicalho, Irinéa de Lourdes Batista e Suzani Cassiani com dois trabalhos cada.

Uma observação importante diz respeito a professora Alice Alexandre Pagan que em um dos trabalhos aparece com o nome Acácio Alexandre Pagan. Uma pesquisa nas mídias sociais da professora revelou sua identidade de gênero como uma mulher travesti e que no início de sua vida acadêmica ainda não tinha autorização para usar seu nome social. Essa constatação demonstra a representatividade que grupos oprimidos por conta de seu gênero e/ou orientação sexual encontram na produção de conhecimento, reforçando o papel social da academia como espaço de luta e resistência contra a opressão.

Sobre o quantitativo de trabalhos por ano, nota-se que a maioria dos trabalhos foram defendidos durante os quatro anos do Governo Bolsonaro (2019 – 2022), somando vinte e seis de um total de quarenta, período em que a direita conservadora atingiu o auge da sua atuação política. Levando em consideração que uma dissertação leva em geral, dois anos para ser feita e uma tese leva entre dois e quatro anos (podendo ocasionalmente se prorrogar para cinco) isso demonstra que a maior procura nos programas de pós-graduação no campo de Ensino que se interessaram por desenvolver pesquisas sobre Educação Sexual no Ensino de Biologia aconteceram após 2011, o marco da atual política do pânico moral (César; Duarte, 2017).

Com relação à distribuição geográfica, as regiões Sul e Sudeste apresentaram dezesseis trabalhos cada. Na Região Sul a distribuição se deu com nove trabalhos desenvolvidos em instituições do Estado do Paraná, quatro do Rio Grande do Sul e três de Santa Catarina. Já na Região Sudeste o maior quantitativo se deu no Estado de Minas Gerais

com doze trabalhos, três de São Paulo e um do Rio de Janeiro. A Região Nordeste apresentou cinco trabalhos defendidos em instituições de seus estados, sendo dois oriundos do Estado da Paraíba, dois do Sergipe e um do Ceará. Já a Região Centro-Oeste apareceu em três trabalhos, dois do Distrito Federal e um de Goiás. Não foi encontrado nenhum trabalho na Região Norte.

Dentre as IES de origem foram encontradas vinte e duas instituições, todas públicas, sendo dezessete públicas federais e cinco públicas estaduais. Destaque para a Universidade Federal de Uberlândia com cinco trabalhos e a Universidade Federal de Juiz de Fora também com cinco trabalhos.

Essa predominância das produções científicas das regiões Sul e Sudeste pode ser explicada pela história da institucionalização do ensino superior no Brasil, que enfrentou diversos desafios econômicos e de desigualdade entre as regiões e estados, o que provocou um desenvolvimento tardio e desorganizado (Hoppen *et al.*, 2017), concentrando programas de pós-graduação nas regiões com maiores indicadores sociais.

Com relação a predominância das universidades públicas, lembre aqui que essas foram as instituições mais atacadas durante o Governo Bolsonaro em uma clara tentativa de desmonte baseado em cortes e disseminação de falsas informações com intuito de manipular a opinião pública a formar uma visão distorcida das universidades públicas em caráter de desmerecimento do conhecimento produzido por elas. Sendo o estudo desse tema por si só um ato de resistência é perfeitamente plausível que as universidades públicas tenham sido o espaço que abriu as portas para o desenvolvimento de tais pesquisas.

Sobre os programas de pós-graduação, destaca-se o Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional - PROFBIO, com o maior quantitativo de trabalhos. Ao todo foram dez trabalhos desenvolvidos em seis diferentes universidades.

O PROFBIO, é um curso de pós-graduação *stricto sensu* do tipo Mestrado Profissional com oferta simultânea nacional em diversas instituições de Ensino Superior do Brasil. Uma possível justificativa para sua grande procura se dá na flexibilidade de sua grade adaptada para docentes que estejam em pleno exercício do magistério em suas respectivas escolas e no diálogo direto com o fazer docente, podendo a/o mestranda/o unir sua atividade profissional a sua continuidade nos estudos acadêmicos, não havendo necessidade de se desdobrar entre trabalho e estudo.

Sobre a natureza dos trabalhos foram encontradas vinte dissertações de mestrado acadêmico, quatorze dissertações de mestrado profissional e seis teses de doutorado acadêmico. Uma vez que o quantitativo de trabalhos por ano revelou que a maior parte da produção ocorreu nos últimos quatro anos existe a possibilidade de algumas teses ainda estarem em andamento.

Os resultados apresentados até aqui descrevem as bases institucionais da produção analisada. A seguir, apresenta-se a descrição dos trabalhos com base em seus aspectos particulares, ou seja, os Descritores Específicos, iniciando pelo tema das pesquisas.

Diante da pluralidade de temas encontrados, criou-se três categorias de análise: 1. Trabalhos com temas socioculturais; 2. Trabalhos com temas biológicos; 3. Trabalhos que mesclaram temas biológicos e socioculturais.

A maioria dos documentos tiveram temas socioculturais, somando vinte e quatro entre os quarenta trabalhos analisados. O Quadro 2 apresenta em detalhes os temas específicos encontrados e os respectivos documentos que o abordaram.

Quadro 2 - Temas socioculturais encontrados nos documentos

Temas	Documentos
Diversidade de gênero e sexualidade	Doc. 04; Doc. 23; Doc. 35
Comunidade LGBTQIAPN+	Doc. 01; Doc. 17; Doc. 18
Cisheteronormatividade	Doc. 20
Estudos Feministas	Doc. 31
Concepções de corpo, gênero e sexualidade	Doc. 03
Dissidência sexual e de gênero	Doc. 14
ⁱSem assunto específico	Doc. 05; Doc. 07; Doc. 08; Doc. 09; Doc. 10; Doc. 11; Doc. 15; Doc. 16; Doc. 21; Doc. 22; Doc. 29; Doc. 32; Doc. 33.

Fonte: A pesquisa (julho/2023)

Entre os documentos que foram classificados como de temas biológicos, os temas encontrados foram: Sistema Reprodutor – Doc. 24; Ciclo Menstrual – Doc. 25; Gravidez – Doc. 38; Métodos Contraceptivos – Doc. 25; Doc. 37; Infecções Sexualmente Transmissíveis – Doc. 27; Doc. 38; Doc. 39; Doc. 40. Percebe-se nesses trabalhos uma maior frequência de assuntos relacionados à prevenção no que tange a infecções e contracepção.

Já os trabalhos onde se encontra uma mescla entre temas biológicos e socioculturais foram: Doc. 02 - Sistema endócrino, Sistemas genitais, corpos *trans*, diversidade de gênero e sexualidade; Doc. 12 e Doc. 26 – Corpo na perspectiva de corpo integrado (corpo biológico e corpo que sente emoções e expressa manifestações socioculturais); Doc. 13 e Doc. 19 - Gravidez na adolescência; Doc. 30 - Relações de gênero na Evolução Humana; Doc. 34 - Sexualidade e Evolução Humana, Teoria *queer*, Diversidade de gênero e sexualidade.

O fato de a maioria dos trabalhos terem abordado assuntos de cunho sociocultural leva a formulação da hipótese de que a produção acadêmica do período estudado se empreendeu na produção de conhecimento que pudesse desconstruir as ideias disseminadas pelos grupos conservadores a respeito de sexualidade e gênero.

Fato ocorrido nessa época se deu em 2016 quando a filósofa feminista Judith Butler foi à cidade de São Paulo proferir uma conferência e foi recebida com cartazes hostis de um grupo de manifestantes que exprimiam um claro repúdio à produção acadêmica e intelectual que critica as concepções do corpo, de gênero e da sexualidade como lugares naturalizados e que recusa denominar como patológicas as experiências de gênero e sexuais não cisheteronormativas (César; Duarte, 2017). Tal produção analisada pode também ser entendida como parte desse conflito entre os grupos conservadores e a produção intelectual, uma espécie de contraofensiva da academia em direção aos seus difamadores.

Os objetos de pesquisa de cada um dos quarenta documentos analisados, foram categorizados em cinco categorias: 1. práticas de ensino ou didáticas do Ensino de Biologia; 2. formação de professores de Biologia; 3. livro didático; 4. currículo; e uma quinta categoria heterogênea denominada “outros” destinada a trabalhos cujo objeto de pesquisa não se tratava de algo ordinário às discussões frente a área do Ensino de Biologia.

Foram categorizados como tendo objeto de pesquisa as práticas de ensino ou as didáticas do Ensino de Biologia, estudos que se voltaram para investigar como professores e professoras de Biologia abordavam determinados temas relacionados a sexualidade ou gênero em suas aulas – ou seja, as práticas dos referidos docentes; trabalhos que testaram empiricamente alguma abordagem didática para trabalhar um tema referente a gênero ou sexualidade nas aulas de Biologia e, no caso de trabalhos de conclusão de mestrado profissional, trabalhos que tiveram como produto sequências didáticas ou manuais de práticas para docentes de Biologia em algum tema referente a gênero ou sexualidade.

Os trabalhos que investigaram práticas de docentes de Biologia em temas sobre gênero ou sexualidade foram o Doc. 05; Doc. 08; Doc. 12; Doc. 20; Doc. 28; Doc. 39. Entre os documentos que aplicaram e avaliaram diferentes abordagens didáticas em aulas de Biologia sobre algum tema referente a gênero ou sexualidade estão o Doc. 02; Doc. 04; Doc. 14; Doc. 19; Doc. 25; Doc. 37; Doc. 38; Doc. 40. Já os trabalhos de conclusão de mestrado profissional que tiveram como produto material para auxiliar professores em aulas sobre sexualidade ou gênero foram os Doc. 13; Doc. 24; Doc. 34.

Tendo em vista que os grupos conservadores em ascensão política durante o período investigado apresentam explicitamente em suas pautas a não aceitação de que assuntos relacionados a gênero e sexualidade sejam ministrados em escolas, não é de se surpreender que o maior quantitativo de objetos de estudo encontrados tenha sido voltado para as práticas docentes.

Percebe-se, em parte desses trabalhos, a preocupação em entender como assuntos relacionados a gênero e sexualidade estão sendo trabalhados em sala de aula para então refletir a respeito de quais preceitos veem permeando o fazer docente discutindo que valores e concepções perfazem a aplicação – ou não aplicação – de tal conteúdo.

Os documentos designados como Doc. 07, Doc. 10, Doc. 11, Doc. 15, Doc. 16, Doc. 23, Doc. 26, Doc. 29, Doc. 30, Doc. 32, Doc. 33 e Doc. 36 tiveram como objeto de estudo a formação de professores. Desses doze trabalhos, dez realizaram suas investigações pensando a formação inicial de professores e dois trabalhos problematizaram tanto a formação inicial quanto a formação continuada.

É possível observar uma tendência nos estudos de pensar a formação docente em temas relacionados a gênero e sexualidade através da análise das percepções ou concepções ou conhecimentos prévios que professores em exercício ou licenciandos em Ciências Biológicas carregam sobre o assunto problematizando suas formações na Educação Básica, na universidade e nos seus âmbitos familiares e sociais.

Admite-se aqui que pensar a formação de docentes de Ciências e Biologia para as discussões em gênero e sexualidade se apresenta com caráter de urgência. Especialmente se tratando de expandir o horizonte de docentes tanto os já em exercício quanto os ainda em formação inicial para além da visão biologizante do assunto.

As primeiras tentativas de implementar uma Educação Sexual no Brasil datam do início do século XX, baseadas em pressupostos médicos/higienistas e eugênicos e mesmo com a mudança desse discurso na chamada “segunda onda” da Educação Sexual (César, 2009) nas décadas de 1960 e 1970, foi somente no final dos anos de 1980 que a discussão de institucionalizar uma educação do sexo voltou a ganhar força no debate educacional brasileiro em função da chegada da AIDS no Brasil e do aumento no índice de gravidez na adolescência.

Dessa forma, culturalmente, pensar gênero e sexualidade na educação no Brasil, geralmente está relacionado ao viés biomédico. Sendo assim, mesmo com as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) publicadas há quase vinte e oito anos, onde a Educação Sexual aparece como um tema transversal devendo permear todos os campos do saber, ainda existe na cultura escolar a ideia de que os docentes de Ciências e Biologia são os profissionais adequados para tratar desse assunto em sala de aula. Portanto, reitera-se a urgência de que essas questões permeie a formação desses docentes.

Quatro trabalhos analisados tiveram o livro didático como objeto de estudo. Esses correspondem aos categorizados como Doc. 03, Doc. 18, Doc. 22 e Doc. 27. Com exceção do Doc. 27, percebe-se na análise dos demais trabalhos que ainda há tendências nos livros didáticos de Biologia de apresentar o corpo humano dentro dos padrões normativos de gênero e sexo, embasado nos fundamentos médicos fisiológicos e a ideia do corpo como máquina e por vezes ainda tratando como patologia qualquer característica que fuja à norma cisheteronormativa.

Dessa maneira é possível afirmar que os autores de livros didáticos sucumbiram as pressões de grupos conservadores e suas obras consequentemente contribuem para a manutenção das estruturas de poder e opressão. Retomando as ideias de Monteiro e Siqueira (2019) admitindo as esferas educativas com um espaço de disputa entre grupos hegemônicos, notavelmente diversas administrações escolares tanto nas esferas públicas quanto na iniciativa privada cederam à pressão dos grupos conservadores adotando um discurso de neutralidade e preferindo evitar que temas que desagradem esses grupos entrem nas escolas.

Os trabalhos codificados como Doc. 01 e Doc. 09 tiveram o currículo como objeto de pesquisa. No caso do Doc. 01 tratou-se de uma pesquisa teórica que analisou as articulações

com o Ensino de Biologia e músicas compostas por artistas LGBTQIAPN+, em especial as composições da cantora Lin da Quebrada. Já o Doc. 09 trata-se de uma tese que problematizou os modos de incorporação da Educação Sexual no currículo de licenciatura em Biologia da Universidade Federal de Sergipe.

Para Borba, Andrade e Selles (2019), a elaboração de um currículo nunca é neutra ou imparcial a questões políticas, sociais, econômicas, culturais e toda a rede de interesse que perpassa esses fatores. Os grupos que pensam e elaboram os currículos são movidos por seus ideais e toda a seleção de conteúdo é pensando objetivando o alcance desses bem como as disputas por hegemonias.

Notoriamente as pesquisas que investigaram os currículos de Biologia em relação aos assuntos referentes a gênero e sexualidade, partiram da hipótese que esses corroboram com os padrões hegemônicos dos grupos opressores alinhados com as políticas da direita conservadora e todos buscaram nos desdobramentos de suas pesquisas caminhos para romper com tal hegemonia.

Os demais objetos de pesquisa foram encontrados nos Doc. 06, Doc. 17, Doc. 21 e Doc. 31. Os objetos analisados nesses trabalhos foram respectivamente: aproximações e divergências entre os discursos religioso e científico quanto a gênero e sexualidade no Ensino de Biologia; experiências de pessoas *trans* no Ensino de Biologia; representações sociais de docentes de Biologia sobre gênero e sexualidade; ecofeminismo e o Ensino de Biologia.

O último Descritor analisado buscou captar o componente curricular da Biologia privilegiado no estudo, no caso dos trabalhos que tiveram um componente específico no tema da pesquisa. O Quadro 3 traz um resumo dos resultados obtidos.

Quadro 3 - Componentes curriculares da Biologia que aparecem nos documentos

Componentes Curriculares	Documentos
Reprodução	Doc. 19; Doc. 25.
Evolução	Doc. 30; Doc. 34; Doc. 35; Doc. 36.
Fisiologia/Anatomia humana	Doc. 02; Doc. 28.
Infecções Sexualmente Transmissíveis	Doc. 39; Doc. 40.
Vírus	Doc. 27.
Métodos contraceptivos	Doc. 37.
Reprodução e Genética	Doc. 18.
Fisiologia/Anatomia humana e Reprodução	Doc. 24.
Reprodução, Infecções Sexualmente Transmissíveis e Métodos contraceptivos	Doc. 38.
Fisiologia/Anatomia humana; Evolução; Reprodução	Doc. 03.
Anatomia/Fisiologia Humana; Citologia e Genética	Doc. 14.

Fonte: A pesquisa (julho/2023)

Nota-se que os componentes curriculares da Biologia que permearam ou nortearam os trabalhos analisados não fogem a tradição dos temas relacionados as práticas tradicionais de Educação Sexual. No entanto, as pesquisas chamam a atenção para a representação do corpo humano nos livros didáticos dentro de um padrão cisheteronormativo nos componentes de fisiologia e anatomia, invisibilizando corpos *trans*, intersexo e identidades que fogem ao padrão binário masculino-homem e feminino-mulher. Nenhuma pesquisa analisada corroborou com as ideias propagandas pelos grupos conservadores e fundamentalistas da direita.

Considerações finais

Em todas as pesquisas analisadas observou-se em algum momento na escrita do trabalho dizeres que semeiam a ideia de uma Educação Sexual para além do olhar meramente biológico, da superação dos padrões binários de gênero presente no Ensino de Biologia, pela representatividade de corpos fora dos padrões normativos e por um Ensino de Biologia que naturalize a diversidade sexual e de gênero.

Evidências se dão no maior quantitativo de trabalhos abordando temas socioculturais e os assuntos abordados, bem como a maioria dos trabalhos terem sido desenvolvidos e defendidos durante o período em que os ataques às questões de gênero e sexualidade na educação se intensificaram. O maior número de orientadoras e autoras mulheres também sugestiona a ideia de resistência dos grupos oprimidos frente a opressão enfrentada ao longo do recorte temporal estudado.

Nesse sentido, faz-se importante também a observação sobre a antítese da liberdade entre pesquisa e o fazer docente nas escolas. Se por um lado a pesquisa em Ensino de Biologia claramente se posiciona e tem a liberdade de abordar assuntos ditos como polêmicos e que desagradam as estruturas mantenedoras das relações de poder, por outro lado, o ensino nas escolas segue adotando padrões conservadores e evitando temas que desagradam tais grupos dominantes.

Estreitar os laços entre universidade e escola mediante projetos de extensão e outras iniciativas de intervenção se apresenta como um caminho viável para que primeiramente o conhecimento produzido na academia chegue até os professores da Educação Básica e com isso possamos deslumbrar alguma mudança, dentro do alcance, na forma como as escolas, sobretudo públicas, lidam com essas questões.

Sobre as limitações da pesquisa, não se pode afirmar que a produção analisada corresponde ao total do que foi produzido sobre o tema no período investigado. Os documentos analisados aqui correspondem às dissertações e teses encontradas em uma determinada plataforma, usando um determinado conjunto de combinações de buscadores, além da subjetividade do autor. A meta-síntese apresentada baseia-se nos dados que foram possíveis obter usando o referido desenho metodológico, base de dados e ferramentas de busca.

Os resultados mostram que há tendências em investigar novas didáticas, em especial as que se pautam em metodologias ativas, com estudantes da educação básica para trabalhar em sala de aula conteúdos referentes a gênero e sexualidade. Com base nos resultados obtidos nessas pesquisas e as conclusões tiradas por essas, vê-se como oportuno o desenvolvimento de novos trabalhos que possam corroborar com essas conclusões, reproduzindo as didáticas com novos públicos ou segmentos educacionais e comparando os resultados.

Importante destacar os trabalhos que problematizaram a formação de professores e como esses salientam a necessidade de implementar na formação continuada e inicial de docentes de Biologia alguma disciplina que ofereça uma melhor formação e capacitação para lidar com a diversidade de gênero e sexualidade para além do olhar biologizante.

Reafirma-se que independente das recomendações feitas em documentos de quase três décadas e das discussões no campo acadêmico, ainda é uma tônica na cultura escolar atribuir aos docentes de Ciências e Biologia o papel de trabalhar essas questões. Como a consolidação dessa cultura envolve fatores que estão para além do alcance da academia, argumenta-se que investir na formação de profissionais capacitados para lidar com essas questões dentro da ótica aqui defendida apresenta-se como uma medida factível e revolucionária.

Ressalta-se o enaltecimento das universidades públicas no que se refere a produção de conhecimento de interesse social. Em tempo de ataques e repressão aos direitos de existência de grupos sociais, nota-se que coube mais uma vez à essas instituições a tarefa de mediante a pesquisa produzir conhecimento em busca da desconstrução dos valores retrógrados e desumanos, que ferem, atacam, oprimem, matam e incitam o desprezo por

seres humanos apenas por serem quem são. Ainda há muito o que avançarmos como sociedade, mas enquanto a ciência for livre, haverá resistência.

Referências

BORBA, Rodrigo Cerqueira do Nascimento; ANDRADE, Maria Carolina Pires de; SELLES, Sandra Escovedo. Ensino de Ciências e Biologia e o cenário de restauração conservadora no Brasil: inquietações e reflexões. **Revista Artes de Educar**, v.5 n.2, p.144–162, 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf Acesso em: 14 ago. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Proposta preliminar: segunda versão revista / Ministério da Educação. Brasília: MEC, CONSED, UNDIME, 2016.

BRASIL. Projeto de Lei Sem número, de 2019. **Programa Escola Sem Partido**. 1. ed. Brasília, Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1707037. Acesso em: 03 ago. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “epistemologia”. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 35, p. 37-52, 2009.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 66, p. 141-155, out.-dez. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, ed. 4, 2002.

HOPPEN, Natascha Helena Franz; SANTIN, Dirce Maria; CORRÊA, Maurício de Vergas; VANZ, Samile Andrea de Souza. Distribuição geográfica da produção e colaboração científica brasileira nas Ciências Biomédicas. **Revista Em Questão**. Porto Alegre, v. 23, p. 50-73, jan. 2017.

MEGID NETO, Jorge. **Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Ciências no nível fundamental**. 1999. 365f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MONTEIRO, Marcos Vinicius Pereira; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz. O ataque à liberdade docente e a discussão sobre gênero e direitos humanos na educação. O multiculturalismo como proposta de resistência. **Revista Exitus**, Santarém, v. 9, n. 2, p. 292-321, abr. 2019.

SIDDAWAY, Andy; WOOD, Alex; HEDGES, Larry. How to do a systematic review: a best practice guide for conducting and reporting narrative reviews, meta-analyses, and metasyntheses. **Annual Review of Psychology**, v. 70, n. 1, p. 747-770, 2019.

Notas

ⁱ Pesquisas que investigaram questões de gênero e sexualidade em algum componente do Ensino de Biologia de forma genérica sem focar em um assunto específico.

Sobre os autores

Gabriel Mendes de Almeida

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Veiga de Almeida (2013), mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ - (2016) e doutorado em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2024). Atualmente é docente do Polo Educacional Sesc (PLE) onde atua como professor de Biologia da Escola Sesc de Ensino Médio (ESEM) e pesquisador do Laboratório de Divulgação Científica e Ensino de Ciências (LABDEC) do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ - atuando principalmente nos seguintes temas: Estudos em Gênero e Sexualidade na Educação e no Ensino; Estudos de Percepção Pública da Ciência; Divulgação Científica e Educação Ambiental. **E-mail:** mendesbio88@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-7391-7683>

Marcelo Borges Rocha

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Educação em Ciências e Saúde - Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutor em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-doutorado em Administração Pública pela EBAPE na Fundação Getúlio Vargas. Tenho experiência na área de Ensino, Zoologia, Bioquímica e Ecologia, principalmente nos seguintes temas: divulgação científica, taxonomia, biologia molecular e meio ambiente. Sou professor do Curso de Bacharelado em Engenharia Ambiental e do Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Docente de Programas de Pós-graduação na UFRJ. Além disso, coordeno o Laboratório de Divulgação Científica e Ensino de Ciências (LABDEC). Atuo como avaliador junto ao INEP/MEC para credenciamento e credenciamento de cursos superiores no Brasil. Sou Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ.

E-mail: rochamarcelo36@yahoo.com.br **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-4472-7423>

*Impactos da ascensão conservadora nas pesquisas sobre Educação Sexual no Ensino de
Biologia: Uma meta-síntese de teses e dissertações*

Recebido em: 11/02/2025

Aceito para publicação em: 31/03/2025